



As ilusões do mercado e as virtudes da fé

The illusions of the market and the virtues of faith

Recebido: 20/09/2016. Aprovado: 14/10/2016.

*José Neivaldo de Souza**

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo refletir sobre os desafios da fé numa sociedade individualista que enfatiza o consumo e o imediatismo. Na perspectiva do método “ver, julgar e agir”, pergunta sobre a eficácia de uma fé que se compromete com uma estrutura injusta e desigual. Quer, em primeiro lugar, observar o contexto global e especificamente a sociedade brasileira como campo fértil para implantação de uma fé mercadológica; segundo, apresenta o texto de Marcos 11 como luz para o momento de crise pelo qual passa a fé e suas virtudes hoje; finalmente, a partir de uma fé genuína, propõe um engajamento mais consciente e comprometido na vida da igreja.*

Palavras-chave: Mercado. Virtudes. Fé.

Abstract: *This article aims to ponder the challenges of faith in an individualistic society that emphasizes acquisition and immediacy. From the perspective of the “see, judge and act” method, it questions the effectiveness of a faith that is committed to an unfair and unequal structure. It seeks, firstly, to observe the global context, and specifically the Brazilian society, as a fertile ground for the implementation of a marketing faith; secondly, it presents the text of Mark 11 as a light in the moment of crisis experienced by the faith and its virtues today; finally, it proposes a more conscious and committed engagement in the life of the church based in a genuine faith.*

Key Words: Market. Virtues. Faith.

* Doutor em Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Mestre em Filosofia, Universidade Angelicum, Roma. Mestre em Psicologia Clínica com concentração em Psicanálise. Professor no Programa de Mestrado em Teologia das Faculdades Batista do Paraná.

E-mail: neivaldo.js@gmail.com



Introdução

Há hoje uma grande preocupação da teologia em relação aos rumos da fé cristã. Como ela é interpretada e vivida? A sociedade neoliberal, centrada no lucro e na circulação de produtos, a acolhe de bom grado, assim como acolhe todos os produtos religiosos, desde que incentivem o lucro, o consumo e a geração do lixo, atitudes fundamentais numa sociedade onde o livre comércio dá as cartas e que declaradamente Zygmunt Bauman denomina de “líquido-moderna”. Para este autor, nesse tipo de economia, a indústria de remoção de lixo tem grande destaque, já que ela depende da rapidez com que se descarta e se remove o lixo. Tudo é descartável e pode ser indesejável.¹ Em confronto com esta realidade, como pensar a fé e suas virtudes: oração e perdão, numa perspectiva não descartável e com valor duradouro? Este ensaio quer refletir sobre a fé e suas virtudes. Há alguns textos bíblicos acerca do ensinamento de Jesus sobre a fé, porém o evangelho de Marcos (Mc 11,11-17.20-26), considerado por alguns estudiosos como base para os sinóticos, apresenta a pedagogia libertadora de Jesus ao narrar sua atitude crítica diante da liderança religiosa que se utilizava da fé e suas práticas como meio de justificação do poder. O texto nos provoca de tal forma que, numa primeira leitura, algumas perguntas sobressaem: a fé, a oração e o perdão podem se adaptar a uma realidade produtora de ilusões, aos moldes do mercado, do consumo e do descarte? Jesus, em sua época, se opôs a uma fé infértil e produtora de ilusões? Oração e perdão são ilusões ou uma realidade capaz de dar sentido à vida humana? São perguntas que se dirigem aos objetivos específicos deste texto, assim expressos: 1) A fé e o mercado na cultura brasileira; 2) A fé na sociedade do lixo e do luxo. 3) A fé bíblica e a teologia da partilha.

1 A fé e o mercado na cultura brasileira

Estudos apresentam o Brasil como um país propício para a instauração de múltiplas crenças e religiões. Isso se constata ao nos depararmos com os dados do World Christian Database² cuja pesquisa aponta para o fato de que no Brasil concentra-se a maioria dos evangélicos pentecostais do planeta.

¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 9-10.

² Esta estatística remonta a 2007, porém o que importa ressaltar é que o Brasil está na lista de um dos países mais católico e pentecostal do mundo.



Um campo fértil, na medida em que o Estado, ao privilegiar cada vez mais o capital em detrimento do trabalho e das relações sociais, abre o espaço para a insegurança, a falta de perspectiva em relação ao futuro e o desamparo da população mais carente. Cresce a desigualdade social, devido aos cortes nos gastos públicos, principalmente nas áreas da saúde, educação e moradia. Também a má distribuição e acúmulo de renda revelam que enquanto poucos enriquecem com muita rapidez, muitos empobrecem assustadoramente. Como lidar com esta situação e resgatar a esperança? Há muitas saídas, porém as instituições que prometem maior segurança física e espiritual são as mais procuradas, entre as quais a religião, que ainda preserva certa autoridade no Brasil. Mas, que tipo de religião?

Devido à cultura cristã desde sua colonização, o Brasil conhece praticamente a fé dos colonizadores, porém esta estava ligada ao catolicismo e ao protestantismo tradicionais europeus, cujo objetivo centrava-se na conquista. Apesar de atrelada ao poder, a prioridade ao trabalho era fundamental à fé. A teologia da criação fazia parte desta cultura e talvez a frase bíblica apropriada fosse a mais cristológica possível: “Meu Pai continua trabalhando até agora, e eu também trabalho” (Jo 5,17).

Com a influência do capital financeiro e a globalização norte-americana, no início do século XX, o Brasil tornou-se um campo favorável a uma missão que relaciona fé cristã e liberalismo econômico. As missões evangélicas trouxeram consigo o movimento Pentecostal, não propriamente protestante, pois o seu intento era resgatar a ação do Espírito Santo nas necessidades humanas. Baseado em Atos dos Apóstolos (At 2) e na primeira carta aos Coríntios (1Cor 12-14), ressaltava os dons de línguas (glossolalia), a cura e o discernimento dos espíritos.

Paul Freston observa que a onda pentecostal não chegou de uma só vez ao Brasil, mas em três etapas distintas³: a primeira, com as igrejas norte-americanas, representa o pentecostalismo clássico e se propaga entre 1910 e 1911 por meio do “batismo no Espírito Santo” e o dom de línguas. Sob esta onda surgem a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus. Depois, por volta dos anos 50 e 60, aparece a segunda onda, devido às cisões com as primeiras igrejas das quais surgiram: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Neste movimento,

³ Cf. <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000070022>>. Acesso em: 20 ago. 2016.



além de ressaltar o dom de línguas acrescenta-se ainda a cura como dom especial do Espírito Santo. E, a terceira etapa, na década de 70, aparece sob uma fase denominada de “neopentecostalismo”. É um movimento propriamente urbano, cuja ênfase está no discernimento dos espíritos e na confissão positiva que proclama a vitória, a prosperidade e a felicidade neste mundo.

Esse novo movimento, ao chegar ao Brasil, no início do século XX, deparou-se com os imigrantes europeus, formados em outro tipo de crença e até mesmo com experiência de luta político-sindical, causando certa tensão. Enquanto de um lado se lutava por melhores condições de trabalho e reivindicações de melhores salários, do outro os missionários apregoavam a submissão aos patrões e deixavam, nas mãos de Deus, tudo o que se relacionava à saúde e à prosperidade dos mais pobres.⁴

Nesta tensão entre fé e política, os missionários fechavam os olhos para uma política de privatização e lucro e, por sua tendência individualizante, procuravam adaptar sua fé ao status quo vigente: “Esta situação foi-se fortalecendo de tal forma que, a partir dos anos 50, surgiram novos grupos no interior do pentecostalismo, com uma forte teologia de apoio”.⁵ Esta teologia ressalta a prosperidade, não no sentido bíblico do termo, mas numa perspectiva do encaixe, própria do utilitarismo norte-americano. Neste encaixe, a prosperidade financeira é entendida como sinal da graça. A IURD, do Bispo Macedo, e outras, que nasceram das cisões, vêm crescendo assustadoramente ao pregar uma nova relação de fé baseada no sistema de oferta e procura. Uma teologia que justifica o forte apelo da nova fé: era preciso detectar e expulsar os espíritos maus ou os demônios que impedem o bem-estar do crente. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) nasce desta demanda em consonância com o ambiente puramente neoliberal cujo capital dá prioridade ao trabalho.

Com o neoliberalismo chega o Neopentecostalismo que, sob uma forte teologia, cultiva a “fé positiva” oriunda da América do Norte na década de 70. Na perspectiva desta fé, o sacrifício de Jesus libertou a pessoa e lhe deu acesso a todo tipo de bênçãos, de maneira particular, às bênçãos financeiras. Não é Jesus e nem a pessoa os responsáveis

⁴ ROLIM, Cartaxo F. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 61-89.

⁵ SOUZA, José Neivaldo. “O Discurso da Fé e o Mercado Religioso” in *Revista Cenáculo*. N. 205. Braga: Faculdade de Teologia, 2015. p. 32.



pelos pecados pessoais, mas ao demônio se atribui toda consequência das irresponsabilidades do pecado. Nesse discurso há a certeza de que o cristão não assume as responsabilidades pelos seus atos, mas deve exorcizar aquele que é a causa do seu pecado: o Satanás.

Atribuindo a outrem as causas da pobreza e da doença, este movimento libera o fiel da culpa e o faz esquecer os preceitos básicos do cristianismo: o reconhecimento de sua própria responsabilidade sobre suas atitudes. Sua preocupação está em eliminar tudo o que entende como mau, através dos exorcismos: doença, desemprego, problemas de família e outros. Deus é convocado para proporcionar “bem-estar”. Esta teologia sustenta a ideia de um Deus que “está aí” para afastar o diabo e “enriquecer” os fiéis. O trabalho divino não é gratuito, é valorizado pelos pesados dízimos e ofertas que, na lei da barganha, cumprem a função mercadológica.

A fé, sob este ponto de vista, é utilitarista, já que para conseguir o fim pode-se servir de quaisquer meios que lhe sejam úteis. A Bíblia, a pesar de ser bem citada, serve como meio para justificar o sucesso, indispensável nesta sociedade onde o ter se sobrepõe ao ser. Segundo Prandi, neste encaixe religioso devem ser consideradas as necessidades, gostos e expectativas, “o que escapa às velhas definições da religião”. Assim, o dever ético do crente neopentecostal, diferente da tradição, escapa à intenção cultural de adoração e toma a proporção de “negócio”. Segue, assim, uma ética capitalista que expropria a fé e Deus em detrimento da devoção e das necessidades do pecador. O culto funciona muitas vezes como leilão: quem dá mais, recebe mais. A relação fé com a ideologia neoliberal é mais ampla e nos abre para uma análise contextual mais precisa acerca da globalização do mercado, do capital, do individualismo e, sobretudo da fé.

2 A fé na sociedade do luxo e do lixo

Ao observar algumas igrejas cristãs, percebemos que a fé, apesar de sua dimensão espiritual, é ressaltada como um produto importante na conquista de bens materiais. A forma como interpretam a fé é projeção da forma como a sociedade do lucro e do lixo, baseada no imediatismo dos indivíduos, trata a vida. Zygmunt Bauman diria que neste tipo de sociedade “querer é poder”, portanto a oferta aparece imediatamente à demanda e “sem escassez de auxílios, consagrados ou autoproclamados,



que (pelo preço certo, é claro) se mostrarão sempre dispostos a nos guiar pelos calabouços sombrios de nossas almas...”⁶

Este “querer é poder” do mercado líquido-moderno está na base da confissão de “fé positiva”. É uma fé adaptada à sociedade de consumo, onde o fiel apresenta suas carências. Àquele que está à sua disposição para fazê-lo prosperar em todos os âmbitos da vida, principalmente na área financeira. Desenvolve-se, neste contexto, um discurso teológico que articula também a Bíblia à religião do mercado: “Para desfrutar dos bens ofertados pelo mundo, os fieis são levados a buscar uma nova hermenêutica que reinterprete a “Boa Nova” e a impossibilidade do rico entrar no reino de Deus (Mt 19,24; Mc 10,25 e Lc 18,25)”⁷

Em muitos lugares se ensina que é preciso “crer” nas “promessas divinas” e, geralmente, elas devem se realizar nos bens materiais como: casa, carros, dinheiro etc., ou nos milagres acerca da cura física e nos dons do Espírito Santo. Se estas promessas não se cumprem, então interpretam como “incredulidade” do fiel ou a permanência do pecado em sua vida.

Quanto mais as “demandas” individuais do fiel se dirigem às promessas divinas, mais chances há de elas se cumprirem, pois as ofertas divinas são infinitas, assim como o são as ofertas do mercado líquido-moderno. Produz-se aqui uma espécie de “teologia do encaixe”, bem acolhida por muitos pregadores, onde a Graça de Deus e as leituras bíblicas são adaptadas às demandas do fiel e à doutrina a qual ele pertence. Diga-se de passagem, muitas vezes, não às necessidades, mas às ambições que levam a uma fé ilusória e enfadonha.

Os textos bíblicos, neste sentido, são lidos de forma fundamentalista e considerados segundo os interesses dos fiéis e de sua liderança que, na posse do “saber sobre Deus e os demônios”, faz acontecer imediatamente o milagre. Bauman observa que este tipo de fundamentalismo é filho legítimo do individualismo e, para ilustrar este argumento, evoca W. T. Cavanaugh, que diz, sobre uma parte significativa da violência oriunda do fundamentalismo religioso: “Pelo menos tão significativa quanto o fervor evangélico com que se oferecem ou se impõem o ‘livre-comércio’, a democracia liberal e a hegemonia norte-americana, a um mundo faminto”⁸

⁶ BAUMAN, 2009, p. 28.

⁷ SOUZA, 2015, p. 33.

⁸ Cf. BAUMAN, 2009, p. 40.



Nesta realidade, pregadores e missionários, ligados à “fé positiva” e à Teologia da Prosperidade, se apresentam liberais em relação à tradição cristã, mas ultraconservadores em matéria de rituais de barganhas religiosas. Não são poucos os que orientam a fé para a prosperidade nas finanças e na saúde física. Muitos deles chegam a dizer que procurar médicos para a cura desagrada a Deus, pois só ele tem poder para curar.

Claro que o problema do mercado sempre esteve presente no espaço religioso, porém, quando falamos de cristianismo, a tradição entendia, à luz da Sagrada Escritura, que o dinheiro, em sua dimensão real, constitui um deus e pode ser nocivo à vida: “Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Era melhor cultivar o desprendimento à riqueza, visto que este tipo de relação leva à subserviência e à escravidão (Mc 8,34; 10,21). Ser livre diante da avareza e da ambição fazia parte da espiritualidade cristã desde os primórdios.

3 A fé bíblica e a teologia da partilha

Na economia cristã do “dar e receber”, a “fé positiva” soa estranha, pois produz uma prosperidade sob a ideologia do indivíduo, do mercado e do lucro. A motivação não se centra numa fé genuína, mas numa fé que se adapta às exigências de uma cultura que se move pelo dinheiro. As orações assumem uma característica mais intimista e menos comunitária. Há uma substituição de termos universais por particulares como, por exemplo, a oração do Pai nosso: o “livrai-nos do mal” dá lugar ao “livrai-me do mal”. Também em muitas canções de louvor e adoração: os cantos que ressaltam o coletivo são substituídos por canções gospel cujo intento é tocar na emoção individual. O mesmo acontece em relação ao perdão, que também está relacionado à confissão do indivíduo: é uma contrição cujo objetivo é garantir, pelo Espírito Santo, as bênçãos divinas que geralmente são interpretadas na aquisição de bens materiais.

Neste mercado religioso, ainda que ocorram, sob a livre concorrência, as virtudes da fé, como o perdão e a oração, elas acabam sendo reinterpretadas e, muito mais do que orientações para uma prática cristã, passam a instrumentos de manipulação dos fiéis. As virtudes da fé: oração e perdão, são tomadas como produtos a serem consumidos segundo a demanda de uma determinada comunidade de indivíduos.



Devemos considerar que a economia foi importante para a Igreja nascente, porém não esta que se ajoelha diante do deus Mamon, produtora de injustiças sociais, mas aquela que se constrói pela comunhão de bens e se desenvolve pela partilha: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” (At 4,32). O projeto econômico das primeiras comunidades cristãs não dependia de um sistema financeiro cujo motor é uma especulação desmedida. Não se trata apenas da distribuição de bens materiais, mas do amor com que se partilham os dons para que todos tenham o necessário à vida. Esta forma de ver os bens aparece na teologia de alguns Pais da Igreja, e em alguns testemunhos neotestamentários como o de Marcos (Mc 11).

No segundo século da era cristã, o bispo Policarpo, discípulo do apóstolo João, já alertava sobre uma fé que, ao se misturar ao dinheiro, torna-se ambiciosa e gananciosa: “O principio de todos os males é o amor ao dinheiro. Sabendo, portanto, que nada trouxemos ao mundo e que nada podemos levar dele, armemo-nos com as armas da justiça e ensinemos primeiro a nós mesmos a caminhar conforme o mandamento do Senhor”.⁹

Na Didaqué há as primeiras instruções aos convertidos acerca da fé. A forma como se lida com os bens determina o ato da fé e mostra se ela é genuína ou não. Para o autor da Didaqué, o apóstolo não deveria levar nada pelo caminho “a não ser o pão necessário até o lugar em que for parar. Se pedir dinheiro, é um falso profeta. [...]. Contudo, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue”.¹⁰ Estas instruções parecem divergir do modo como alguns evangelizadores interpretam a fé hoje. Um famoso pregador televisivo chegou a bradar em sua oração: “Vão, espíritos ministradores, façam com que o dinheiro venha até mim”.¹¹

Inácio de Antioquia, em sua carta aos Tralianos, exorta a comunidade a se alimentar somente do amor de Cristo e abster-se de toda erva estranha oferecida por conta de interesses próprios: “Aqueles que, para terem crédito, misturam Jesus Cristo consigo mesmos, são como os que

⁹ POLICARPO AOS FILIPENSES in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995. p. 141.

¹⁰ DIDAQUÉ in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulinas, 1995. p. 355-356.

¹¹ Cf. SOUZA, 2015, p. 33.



oferecem veneno mortal misturado com vinho melado. O incauto o toma com prazer, mas nesse prazer nefasto encontra a própria morte”¹².

Jesus Cristo nos mostra outro Reino possível, baseado numa economia de partilha. Sua compaixão pelos mais necessitados indica que a pobreza é fruto do egoísmo e esta situação transparece de forma gritante no campo da fé que deveria ser o lugar da alteridade. Ali, onde todos são chamados a ser um, é muitas vezes o lugar de produção de desigualdade e de exploração, em nome de Deus.

Entre outros textos do Novo Testamento, o de Marcos (11,11-17; 20-26) nos chama a atenção para as virtudes da fé. Duas cenas saltam aos olhos nesta passagem do evangelho: 1) Jesus entra em Jerusalém, dirige-se ao templo, e observa tudo o que acontece ao seu redor. Mais tarde volta, com os doze, para a aldeia de Betânia, onde passa a noite. No dia seguinte, a caminho de Jerusalém, sente fome e, ao avistar uma figueira frondosa, vai a ela procurar fruto e não encontra, pois não era tempo de figos. Na frente dos discípulos, ele amaldiçoa a árvore. Chegando a Jerusalém, entra no Templo e expulsa os cambistas e os vendilhões, não permitindo que objetos e animais sejam barganhados ou sujeitos a compra e venda. Jesus revela a vulnerabilidade da fé que, de forma ignorante, se presta a adorar os sacrifícios e não a Deus, e por isso denuncia, no mesmo espírito dos profetas Isaías (Is 56,7) e Jeremias (Jr 7,11), a corrupção na casa de oração. 2) No dia seguinte ao episódio do Templo: Jesus e os discípulos passam pela figueira e veem que ela está seca até a raiz. Pedro lembra a maldição que o Mestre havia proferido sobre aquela planta. Olhando a figueira, o Mestre se põe a ensinar sobre a fé e as virtudes da oração e do perdão. Em outras palavras, ele resgata uma espiritualidade eficaz e verdadeira.

Marcos começa a narrativa falando da figueira, depois sobre o que aconteceu no Templo e, em seguida, volta à figueira. Ainda que o centro seja o Templo, o evangelista se dedica, por duas vezes, ao que é periférico: a figueira. Antes era estéril e, em seguida, seca até a raiz. A perspicácia do escritor aparece em Jesus no momento em que ele entra em Jerusalém: ele observa o que está ao redor, no Templo. Sendo um evangelista da periferia e apaixonado por parábolas e metáforas campesinas, Marcos volta sua atenção para o que está ao redor, em torno de Jerusalém, o que constitui a moldura de um quadro cuja pintura expressa uma realidade

¹² INACIO AOS TRALIANOS in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995. p. 99.



dura de ser digerida: a corrupção no Templo. O texto exige uma percepção maior sobre o contexto político-religioso da época de Jesus.

O historiador Eusébio de Cesareia, seguindo as fontes de Flavio José, observa que os poderes político e religioso andavam de mãos dadas, principalmente no que tange à manipulação da fé e à corrupção dos valores. Herodes Magno exercia forte influência sobre as lideranças sacerdotais e os escribas. Aliás, ele se tornara rei dos judeus porque seu pai era amigo de Hircano, um sacerdote influente da época, bajulador do Imperador Augusto e dos ricos senadores romanos. O interesse de Roma e de Herodes era governar com a ajuda dos líderes judeus. Este construiu um templo ainda maior do que o primeiro, edificado pelo rei Salomão no século X a. C., e o deu de presente aos judeus. Esta obra, desde o início, fora executada com os pesados impostos da população. O biblista Jorge Pixley enumera como eram as arrecadações na Palestina: “1) diretamente, mediante os cobradores de impostos que arrecadam tributo de toda a população; 2) mediante os conselhos das cidades, que eram obrigados a contribuir para vários serviços que lhes prestava o Estado; 3) mediante o Templo, por cujos rendimentos as autoridades sempre mantiveram um especial interesse.”¹³

Havia uma gritante desigualdade social e, sob a indiferença dos sacerdotes, Herodes indicava seus parentes e amigos para as funções no templo. Sobre isso, escreveu Eusébio: “De modo semelhante a Herodes, seu filho Arquelau portou-se na instituição de sacerdotes; e depois dele, o mesmo fizeram os romanos que tiveram o domínio sobre os judeus”.¹⁴ O arqueólogo bíblico J. D. Crossan observa que não tinha como os judeus questionarem o poder romano, já que este era bajulado pelo poder religioso que lucrava com o Templo: sacrifícios de animais para a expiação dos pecados; vendas de objetos para rituais de penitência e purificação; doações de cereais, dízzimos etc. O Templo, casa de oração e perdão, onde os judeus exerciam sua fé lembrando-se dos profetas, cantando os salmos, recitando a *Torah*, havia se transformado num grande mercado onde se exaltava a barganha, a compra e venda e as bancas de câmbio.¹⁵

¹³ PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 124.

¹⁴ Cf. CESAREIA, Eusébio. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

¹⁵ CROSSAN, J. Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2007.



Entendendo o contexto, fica mais simples para entender o texto. Depois do episódio em que Jesus se opõe ao que acontece no Templo, Marcos volta narrar sobre a figueira amaldiçoada. O evangelista, a um só tempo, revela a pedagogia libertadora de Jesus e deixa ao leitor a liberdade para associar os dois momentos: o Templo e a figueira. Em torno da figueira, seca até a raiz, o mestre ensina aos discípulos acerca da fé e suas virtudes. O texto deixa transparecer que a fé se sustenta, sobretudo, em duas forças: oração e perdão. O ensino de Jesus sobre a fé leva os discípulos a observarem a figueira tendo na cabeça o episódio recente da expulsão dos vendilhões do Templo. A figueira é a metáfora do Templo, bonito por fora, mas podre e infrutífero desde a sua base. Não seria justo exigir de uma árvore que dê frutos fora de estação, mas do Templo sim, ele deve produzir frutos que permaneçam e que venham da sinceridade do coração. A árvore, infértil e seca até a raiz, é a imagem da casa de oração que, infértil, suga a as pessoas assim como a figueira, sem fruto, suga a terra.

Considerações finais

Observamos algo em comum entre as duas realidades: o hoje e o ontem. O mesmo espírito que motivou Jesus a se opor àqueles que, em nome de Deus, manipulavam os mais simples usando de sua fé para o enriquecimento ilícito, enquanto bajulavam os grandes proprietários de terra e de gado, motiva a Igreja hoje a se comprometer com a justiça e a igualdade entre as pessoas, libertando a fé das grades do neoliberalismo econômico.

O mercado em torno da fé continua hoje, e muitos são aqueles que, inconscientes ou conscientes, se apropriam desta situação a fim de levar vantagens e suprir interesses puramente individuais. Este tipo de mercado, nesta sociedade líquida, está pronto a dar sua contribuição na geração de lucro e lixo. O papel da Igreja é denunciar tudo aquilo que venha enfraquecer a fé e impedir que a oração e o perdão, virtudes essenciais à convivência humana, sejam instrumentos de manipulação e produção de ilusões. Sabemos que tudo o que é humano está sujeito a ilusões ou enganos, mas é exatamente por isso que deve passar pela crítica.

Sigmund Freud já apontava para a ideia de que a religião é produtora de ilusões na medida em que, em nome de um Ser superior, o que se projeta são os interesses puramente inconscientes. Para ele, assim como os sonhos, a fé expressa a experiência do mistério, do amor e do



temor; constrói dogmas com base em testemunhos, certa de que está aproximando a verdade divina à verdade humana. É na busca por uma verdade ideal e absoluta que o religioso formula sua fé baseada em raciocínios, enunciados e rituais e, muitas vezes, produz o autoengano e equívocos de linguagens.

Como produto puramente humano, a fé, segundo Freud, não pode oferecer um sentido que baste a si mesmo, só ilusões. Para ele, este tipo de religiosidade que gera e promove ilusões projeta os desejos, mais inconscientes, do fiel, como se fossem a vontade do próprio Deus. Estas projeções são frutos de neuroses e não de uma fé genuína. A crítica freudiana constata, cada vez mais, a verdade sobre uma fé infértil e incapaz de produzir frutos.

Jesus, da mesma forma, se opôs a uma fé produtora de ilusões, porém, contrário às posições de Freud, ele entendia que no ato de crer se encontram duas vontades: a divina e a humana. O pecado acontece quando esta se sobrepõe àquela, fazendo valer suas próprias ambições. Oração e perdão devem ser virtudes para a fé e não obstáculos que se formam por caprichos individuais ou conquista de poder.

A teologia, em diálogo com a psicanálise, entende que a ilusão não é falsa: ela existe, e não se trata de engano em relação ao objeto, mas dos desejos mais primitivos e inconscientes do sujeito, e toda responsabilidade acerca da verdade, objetiva e universal, recai sobre ele. O ponto de partida para a compreensão de uma fé produtora de sentido está na certeza de que, invés de produzir ilusões que levam à morte, a humanidade pode produzir virtudes que promovam a vida.

Jesus não se opunha ao Templo, mas às injustiças que se cometiam ali em nome da fé. Que fé era aquela? As orações eram manipuladas e se transformavam em instrumentos de lucro para os sacerdotes e administradores do Templo; o perdão se limitava a uma celebração anual com oferecimento de sacrifícios e, apesar de esquecido, também agradava aos detentores do poder religioso. Jesus se opôs a esta situação e não só os comerciantes, mas toda liderança corrupta foi incluída, por ele, no rol dos ladrões. De certo, isso lhe custou o martírio.

A Igreja profética, hoje, tem a missão de cultivar uma fé frutífera, firme sobre os alicerces da oração e do perdão. E, para que esta fé seja fortalecida, não basta crer em Jesus, é preciso ter a fé de Jesus. Uma fé capaz de dar exemplo de virtudes, como exorta Inácio de Antioquia à



Igreja de Éfeso. Ele pede aos fiéis que sua oração não seja egoísta, mas se dirijam às pessoas, pois nelas há esperança de transformação. A oração, segundo ele, leva ao perdão, por isso recomenda aos fiéis que suas orações sejam feitas de atitudes. É pela oração que muitas pessoas conhecerão o perdão e alcançarão a misericórdia. Inácio aconselha a comunidade a ser mansa perante os acessos de ira; ser humilde frente à mania de grandeza, e firme na fé diante daqueles que enganam, em nome da fé.¹⁶

Para concluir, Clemente Romano, no final do primeiro século, observa que a fé é produtora de virtudes. A oração, seja ela de súplica, de pedido de perdão ou ação de graças, nos traz a certeza de que a relação com Deus passa pelo cuidado com o próximo. Esta ideia se expressa nesta bela oração que ele propõe:

*Nós te suplicamos Senhor: Sê o nosso auxílio e protetor. Salva os nossos que estão na tribulação, ergue os caídos, manifesta-te aos necessitados, cura os enfermos, reconduze os que se afastaram do teu povo, sacia os famintos, liberta os nossos prisioneiros, reergue os fracos, consola os covardes. Que todas as nações reconheçam que tu és o único Deus, que Jesus Cristo é o teu Filho, e “nós somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho”.*¹⁷

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- EUSÉBIO de Cesareia. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CLEMENTE de Roma, AOS CORÍNTIOS, in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995.
- DIDAQUÉ in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulinas, 1995.
- FRESTON, PAUL. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. 1993. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000070022>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹⁶ INACIO AOS EFÉSIOS in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995. p. 85.

¹⁷ CLEMENTE AOS CORÍNTIOS in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995. p. 66.



INACIO de Antioquia, AOS EFÉSIOS, in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

POLICARPO de Esmirna, AOS FILIPENSES, in *Padres Apostólicos* (Patrística). São Paulo: Paulus, 1995.

SOUZA, José Neivaldo. “O Discurso da Fé e o Mercado Religioso” in *Revista Cenáculo*. N. 205. Braga: Faculdade de Teologia, 2015.